



## EDITORIAL

«Vinde, metamos serrim no Seu pão e liquidemo-lo da terra dos vivos; e o Seu Nome não mais será lembrado.» (Jeremias, 11-19).

É velho de milénios este pensamento. Estas as palavras por que o exprimiam os inimigos do Profeta.

Esta a ilusão dos contemporâneos de Jesus de Nazaré que perpetraram a Sua morte. Ilusão continuada através das gerações de quem Cristo é contemporâneo.

Como se fôra possível aos homens liquidar o Vivo da terra dos vivos! Contudo, a tentação persiste. A História ainda a não desfez. Por isso, tantos sinais de morte perseguem os homens, ainda hoje, neste mundo de ciência e técnica avançadas — as novas divindades promissoras da felicidade que não dão, da paz que não têm para dar.

Nem a Terra logrará ser terra de vivos sem o Autor de tudo que nela tem sopro de vida — «Eu sou a Vida»; nem jamais se apagará a Sua memória de onde lateje resquíio de vida. Podem os homens não ter conhecimento do Seu Nome, mas Ele é. E isto não depende da vontade do Homem; e está no íntimo do seu coração; é uma realidade ao nível do ser; quem a negar, nega-se — abre um processo de auto-destruição.

Não é esta a face dolorosa do nosso mundo, donde se pretende expulsar Deus e o Seu Cristo?! Não assistimos todos, inquietos, ao alcançar de metas maravilhosas que são um perigo nas mãos dos homens?

A tentativa de substituir Deus pelo Homem é tão antiga como a Humanidade. O orgulho irrompe constantemente como as ervas daninhas, sempre combatidas e sempre rebentando. É uma manifestação da consciência instintiva de que o nosso Deus é vivo

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

## Areias do Cavaco

De muitos lados nos chegam apelos carregados de aflição. Vamos respondendo, dentro dos limites de nossas forças. Na missão que nos impusemos de recoletores dos Pobres, recolhemos, de coração agradecido, pedaços de pão que matam a fome a muitos filhos, a muitas mães que ficaram sem os maridos; recolhemos as moedas e as notas que fazem a cobertura de muitos tetos.

Tenho passado, vezes sem conta, pela barraca da Antónia. Não sei como podem viver ali a mãe e os seis filhos. A mãe velha tem 14 anos e o mais pequenino tem três.

Veio, há dias, aflita, pedir uma cobertura nova para sua cubata porque a chuva entra pelos buracos das paredes e pelas chapas de zinco já carcomidas. Quando choveu ou quando venta é uma noite sem dormir. Ganha o pão a lavar roupa, arranjando uns tostões para enganar a fome.

A mãe velhinha juntou-se com um homem que lhe vai deixando filhos nos braços. Todos os caminhos da família da Antónia são caminhos de miséria, enquan-

to não surgir uma réstea de luz que a liberte.

Quero ser luz no seu caminhar. Ser cristão é ser luz para os irmãos que vivem na escuridão. A miséria, seja ela de que natureza for, é um manto de trevas.

Sei onde está a solução. Sozinho não sou capaz. A Antónia precisa de pão e precisa de casa. Quero ser a voz da Antónia a bater à tua porta. Quero ser o eco do choro dos seus filhos junto dos teus filhos a quem procuras dar tudo o que precisam e, (quem sabe?) o que não precisam. Isso não lhes pertence. Os filhos da Antónia têm direito.

Enquanto espero pela tua resposta, vou passando por lá a dizer-lhe que não desespere, como o Profeta no meio do povo que vive na exílio. Por amor destes Pobres batemos à porta dos que têm e podem com todas as forças da violência destas necessidades extremas.

A Rita, aquela outra viúva, já levou uma requisição para uma camioneta de tijolo porque não tem casa. Mas precisa de mais. E já lá vão quase três meses com as nossas contas em atraso.

● A Nota do Dia que leio no «Diário do Alentejo» de 14 de de Março aguilhouou-me para um pensamento que há muito anda comigo.

«(...) É contraproduzidor verificar como se trabalha em algumas empresas privadas e em departamentos oficiais, sem a menor noção de responsabilidade, raramente acusando o recebimento de qualquer pretensão, deixando sem resposta um pedido de informação necessária, ainda que feito com nota de urgência, não se respondendo à correspondência ou só o fazendo tarde e a más horas, retorquindo por vezes o que não se perguntou ou sem tomar em conta elementos básicos, alterando ou protelando desse modo o processo do assunto em estudo.

Facilmente se compreende que este estado de coisas não pode continuar. Está em causa todo o funcionamento regular da vida corrente. As repercussões dum tal ineficiência são desastrosas em todos os sentidos. Os serviços, quer particulares, quer públicos, longe de seguirem aqueles trâmites que seria natural esperar, atrasam-se, desorganizam-se e prejudicam muitas realizações e a vida de muitas pessoas.

Atribui-se a maioria dessas mazelas e cremos que com alguma razão, ao facto de alguns

## Notas do TEMPO

trabalhadores andarem tão entregues a preocupações partidárias e reivindicativas, tão distraídos com a propaganda e realização de sucessivas reuniões e plenários, que as suas obrigações profissionais, o seu trabalho quotidiano ficam para trás ou só lhes é dispensada escassa atenção.

Que o pessoal trabalhador precise de se reunir, de dialogar com o fim de obter certas vantagens para a sua classe ou de tomar qualquer atitude política, ninguém o pode contestar, mas que tudo isso seja levado a cabo sem prejuízo do cabal desempenho dos seus deveres, o brio que a todos incumbe dentro da sua função, tenham prioridade, pois

de resto constituem contribuição valiosa e exemplar para a sociedade melhor que todos desejamos.»

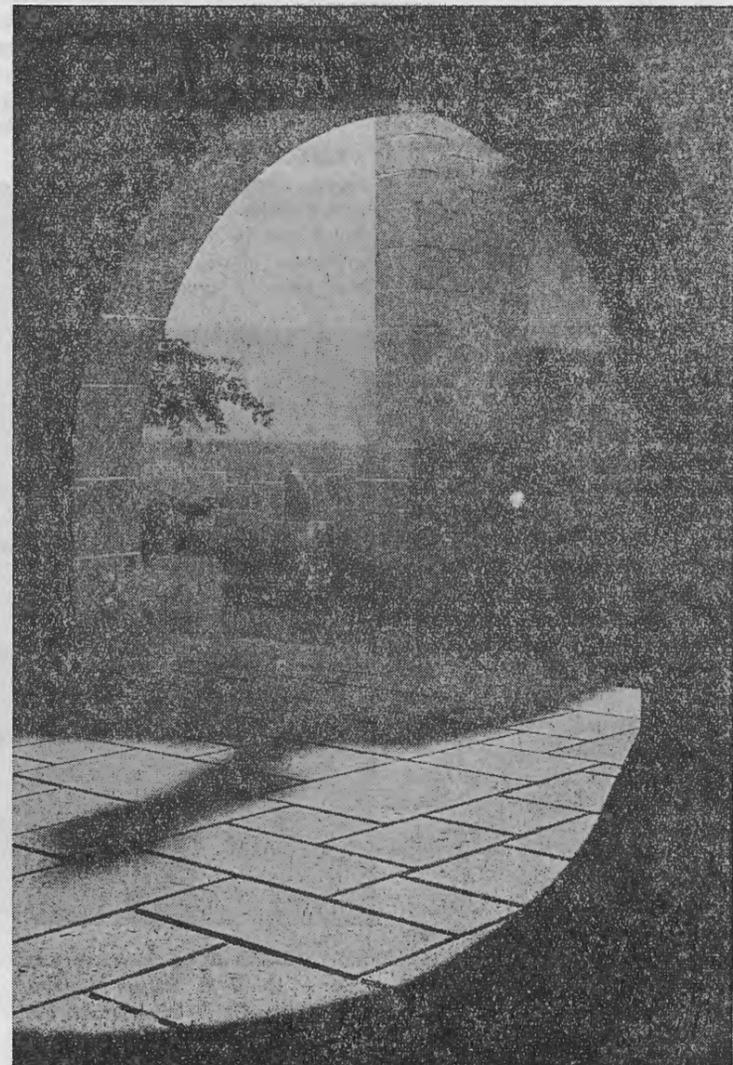
Dito de empresas, de departamentos oficiais..., com maioria de razão o digo da Escola. Tal como está, nem comunicação, nem brio, nem virtudes de trabalho e de honestidade.

A cada passo me interrogo sobre a competência, no presente e no futuro. Será uma qualidade ultrapassada, burguesa?

Nos sectores da produção e dos circuitos económicos assiste-se à ocupação dos lugares de comando por Comissões

Continua na QUARTA página

A sombra da cruz no lajedo das nossas escolas de Paço de Sousa.  
«Cruz stat dum mundus volvitur»...



# PELAS CASAS DO GALATO

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Foi no Sábado Santo.

Ao princípio da tarde juntámo-nos em grupo e preparámos o foliar dos Pobres: amêndoas, pão-de-ló, açúcar, regueifa... Coisas tão boas, tão saborosas, embrulhadas com tanta alegria!

Acabada a primeira parte da faina, separámo-nos. Cada um pra seu lado, com os respectivos embrulhos. Discretamente.

Esta peregrinação é um antecipado aleluia. A melhor visita pascal! Cristo sofre os pecados dos homens, os nossos pecados...

Como Ele fica triste onde os Pobres são esquecidos! Muito mais triste quando os cristãos se juntam triunfalmente e O esquecem na pessoa dos Pobres!

Foi no Sábado Santo...

A gente já sabia dum caso de miséria e fomos por ele. Um casal com 7 filhos. O pai, vítima do alcoolismo. A mãe é «abelha mestra» que suporta a cruz. Eles definharam, por subalimentação.

Vá lá, o senhorio não exigiu a renda da propriedade! Espera. É que o Doente passou de novo pela clínica a ver se, desta, perderá completamente o vício.

— Ele está no campo, a podar. Querem que o chame?

— Não senhor.

As crianças descem as escadas. Olhos penetrantes, apalermados. Faces macilentas. Pernas delgadas. Esguias. O atestado da subalimentação.

— É um foliar!

As crianças agitam-se. Uma, salta a escada. Eu vi.

A mãe recolhe o embrulho, agradece e entrega à filha mais velha: — Toma. Leva pra cima. Põe na cozinha.

As outras vítimas ficaram espedaçadas. Ao colo uns dos outros, consoante a idade.

— Ele agora vai ter mais juízo?

— Vou mandá-lo chamar. Ó...

— Não! Não faça isso. Não é preciso. A gente já sabe...

— Sim. Tem tomado as pastilhas.

Não bebe vinho. E quando vai pra casa do senhorio, a senhora dá-lhe laranja.

O nosso tesoureiro ia preparado para resolver, não para empalmar. A nossa missão, na medida das possibilidades que nos oferecem, é resolver o que for possível. Resolver!

— Como vai de mercearia?

— Devemos lá mais de dois contos. Já tínhamos combinado dar ao merceiro alguma coisa por conta. Mas... — Vamos já liquidar tudo, tudo, tudo.

Os olhos da mulher arregalaram-se. Aflorou uma lágrima traço: a, suscitada a custo. Os filhos mais velhos fixaram a mãe, olharam para nós e uns prós outros. Fez-se silêncio.

— Ó Lopes, ainda há por aí mais dinheiro?

— Ainda.

— Tome lá isto. É o complemento do foliar...

Estes casos abundam. Escondidos. Não é gente que ande de mão estendida, na rua. São os que mais sofrem!

RECEBEMOS — À frente, segue a assinante 18981 com 50\$00. «É pouco, eu reconheço, mas...» Diríamos nós: são muitos aqueles que podem pouco e vêm conosco. Obrigado. Quatro vezes mais da Rua Soares dos Reis, Gaia. Mais 100\$00 do assinante 13305. Mais 500\$00 de um Rodrigo Lisboa «para serem distribuídos pelos Pobres, mas só aqueles que são efectivamente visitados pelos irmãos da Conferência». Que bem! Mais 50\$00 de Anta, Espinho. O dobro da assinante 27572. Idem, de Regadas (Fânzeres). Mais atenção:

«Caríssimos vicentinos  
Mais uma Páscoa se aproxima e mais um pouquinho para vos ajudar a ver Cristo sorrir na face do Pobre.

Peço as vossas orações por um irmão que se encontra muito doente.

Páscoa Feliz em Cristo. Sempre amigos

Eu e Ela»

Foi-nos entregue em mãos, com um sorriso nos lábios!

Mais um donativo do assinante 32036, de Lisboa. Outro, ainda de Lisboa, enviado por Sílvia — 100\$00. Mais outro da Rosa de S. Mamede de Infesta, o dobro. Finalmente, uma nota de um amigo de D. António Barroso.

Muito obrigado.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

ESPECTÁCULOS — Temos tido imensa alegria e alento nas nossas almas; disposição inteiramente satisfatória que se mantém em nós, dia após dia, através dos espectáculos bem feitos e graciosos, efectuados



Hoje a foto é do casamento de uma neta, a Maria de Fátima Moreira, filha do Moreira (ex-«Periquito»), que foi de Paço de Sousa.

desde o passado ano com um outro a ser já combinado e preparado.

Os artistas são sempre os mesmos, de uma vontade interminável; e para estes idealizarem, poetizarem e concretizarem uma festinha para melhores momentos a Comunidade saborear, são primeiramente precisos muitíssimos recreios e Domingos completamente preenchidos e noites seguidas e prolongadas.

O salão de festas é agora mais acolhedor. O chão encontra-se novo e simples. As paredes estão caídas e bonitas. Nas janelas há cortinados de cor azul.

O palco também levou uma remodelação. As luzes funcionam perfeitamente, o pano da mesma cor, de abrir e fechar, está conjugado com a vivacidade e cor das cortinas. As suas pregas fazem perfeitos vincos, e a manivela que o faz deslocar funciona com mais rapidez e leveza.

Nestas condições, o Miguel tem perdido uma grande parte da sua timidez, actuando corajosa e desembaraçadamente.

O Marcelino no fundo do palco toca incansavelmente. Bate com alguma força os paus na bateria, entoando uma música perfeitamente dentro dos nossos dias.

O «Cadete» é dos mais atractivos. Por isso, a grande revelação. Tem muita habilidade em tudo. Critica e imita facilmente e sem escrúpulos todas as pessoas em si.

Quanto aos outros actores, não deixam de ser cada vez mais aceites e estimados.

REMODELACÃO — A grande ideia, força de vontade e mãos ao trabalho veio de uma senhora que presentemente serve a Obra da Rua com muita atenção e agrado. Criou um novo e acertado sistema em marcar toda a roupa para que cada rapaz possa ter somente um vestuário a seu gosto e de agradável apresentação.

Assim, a tão vasta e difícil tarefa está a ser pacientemente elaborada pelos membros femininos que sempre constituíram a necessária existência e organização da rouparia.

O sentido próprio desta nova organização é também muito especialmente para que cada rapaz estime e seja cada vez mais esbelto na sua maneira de vestir. Para que haja muito mais cuidado no asseio das roupas, prevenindo concertos infundáveis e bastante difíceis que originam dúvidas e dores de cabeça.

Assim os alfaiates pararam de trabalhar pra clientes de fora, e já lá vão longos meses no compromisso e empenho em costurarem muitos pares de calças a servir a cada rapaz.

Nas mãos da sr.a D. Hortência já estão concluídos 6 mil e tal números com muitos outros ainda por fazer.

A Mãe Irene está a pregar a mesma quantidade de algarismos em diversas roupas.

A cargo do «Coradinho» está a preocupação de construir com espaço

suficiente armários e prateleiras que com todo o método arrumarão depois.

Na parte da sr.ª D. Maria Trindade e D. Bernardete está todo o cuidado de porem todos os nomes nos respectivos lugares. Ensinar a vestir; e haver, sempre que se precise, troca de umas roupas que ora estão curtas ou largas, apertadas ou compridas, por uma outra mais nova e resistente.

Muito sacrificio se vê na ponderação e firmeza de cada espirito mais responsável por tão maravilhosa ideia e trabalho.

ENCONTRO — Realizou-se em Mira um encontro entre alguns rapazes mais velhos e responsáveis de todas as nossas Casas do Continente e o Movimento por um Mundo Melhor.

Tudo decorreu com grande entusiasmo e interesse na busca de nós próprios, dos marginalizados que dia a dia precisam do nosso apoio, dos com fome e sem lar, dos que necessitam ardentemente de afecto, dos que vivem ao nosso lado no esquecimento e requerem especial atenção; e, perante o problema de sempre do nosso acanhamento para com os nossos Padres, haver mais união e inteira confiança para renovarmos estruturas, a fim de que todo o nosso meio favoreça o «fazer de cada rapaz um homem», que é a nossa missão.

Hoje estamos completamente comprometidos.

Manuel Amândio

## Novos Assinantes de «O GALATO»

### ● PRESENCAS SIGNIFICATIVAS

Aí vão algumas presenças significativas e das mais expressivas da procição.

S. Mamede de Infesta:

«Mais três assinantes! Era meu desejo que o nosso querido «O Galato» entrasse em todos os lares. Mas para que o lessem e meditassem. Eu tenho sempre muito que fazer, mas não deixo nada por ler. Chego ao fim e revejo se li tudo...»

A sr.ª Rosa é uma Proletária, coerente com a sua fé. Sabemos que ela incendia muita gente — como os primeiros cristãos.

Silêncio. Mais um eloquente testemunho dos Pobres:

«Desde longos anos a Casa do Galato me apaixonou. Passei 14 anos a servir em Lisboa e os Galatos, se me não viam na Missa, iam a minha casa levar-me «O Galato». Gostava da presença deles. Nunca o assinei.

Caséi há sete anos, quase oito. Vim para a aldeia. Temos vivido com imensas dificuldades. O Senhor deu-me 3 filhos

nhos que para estarem no mundo muito sofreu e gastei tudo o que tinha e não tinha.

Meu marido ainda quando namorávamos, conheceu a Obra através de uma festa que houve aqui nas Caldas da Rainha e tantas vezes ao conversarmos me dizia: «Quando vender esta ou aquela colheita vamos assinar «O Galato». E sempre foi passando.

Quando já não podíamos mais com os encargos que tínhamos, resolvemos vir para as Caldas e meu marido empregou-se. Já pagámos metade do que devíamos e ontem ao ler «O Galato» desta quinzena, por ser de aniversário, lembrei-me: custe o que custar, tenho de ser assinante.

Hoje fui receber o ordenado de meu marido, 3.492\$20. Eu não posso trabalhar devido aos partos. Pouco me posso esforçar e tenho os pequenos tão pequenos para os deixar na rua ao Deus dar.

Mando hoje esta migalha. Se guardo para o fim do mês nunca chega. «O Galato» tem-me dado muito. Tem fortificado a minha fé. E, tal como vós, a esperança nunca nos faltou. Apesar de tudo somos felizes. Tanto, que alguns amigos nos dizem: — «Não sei como podes

estar sempre alegre!» É que o Senhor manifesta-se continuamente aos que o amam e eu creio — apesar de as pessoas andarem baralhadas com as mudanças na nossa Pátria...

Perdoem o meu desabafo. Espero em breve ver «O Galato» na caixa do correio.»

A eloquência da Verdade!

Mais Leitores-avulso que optam pela assinatura. Amadora:

«Envio 100\$00 para uma assinatura de «O Galato», pois sempre o li durante anos e, aqui onde moro, é uma raridade encontrar algum.»

Braga:

«Venho pedir que me inscrevam como assinante de «O Galato». Embora eu o compre sempre que o veja, acontece muitas vezes não o encontrar...»

Gaia:

«Venho por este meio dizer-vos quanto gosto de ler o vosso jornal e quão valiosos são todos os vossos livros.

Continua na TERCEIRA página

Principiou no dia 19. Havia sido apresentado como sendo um curso oferecido pelo Movimento por um Mundo Melhor aos rapazes mais velhos das Casas do Gaiato que tivessem, pelo menos, o Ciclo Preparatório. Reunimo-nos, assim, na Praia de Mira quarenta e quatro rapazes. Não conhecíamos e questionávamo-nos sobre os moldes e teor do curso que iríamos fazer durante três dias. Houve as apresentações em que ficámos a conhecer-nos e a conhecer os dois orientadores, Padre José Paula e Irmã Joana, que logo de início nos conquistaram pela sua originalidade. Sem temas pré-concebidos, apenas com a proposta de pensarmos e no dia seguinte apontar os factos mais importantes dos últimos anos no mundo, principiou aquele «Encontro de Jovens» assim denominado pelos orientadores e que viemos a concluir ter sido um curso de formação humana.

## EDITORIAL

Continuação da PRIMEIRA pág.

e está inserido na História dos homens. Está! Essa é já a grande revelação guardada por Israel. A encarnação do Verbo é um passo — o passo decisivo — para a evidência desta inserção. O Filho de Deus torna-se o Filho do Homem. Vem participar da sorte dos homens neste mundo. Vem para ficar. Fica! E tanto está, que ao longo de dois mil anos de contradição da Sua presença, ninguém conseguiu varrer-Io da memória dos homens — nem conseguirá. O ciúme sempre renascido, sempre a renascer, julga que sim... Teimosa ilusão, com que os homens se procuram enganar! Pertinácia de que ainda não quiseram corrigir-se! Fatalidade que a todos atinge!

A História não é uma construção ad hoc. Tem um Arquitecto. Mal dos obreiros que ignoram os planos da construção. Pior se decidem ignorá-los. Cristo é o Mestre. Tendo definido «naquele tempo» as linhas mestras, está presente ao crescer da obra em todos os tempos, para responder às dúvidas e indecisões dos obreiros em cada tempo. Escutá-lo — é sabedoria. Rasgar, com os recursos de hoje, os caminhos perspectivados então — é progresso. Porque O silênciam, pois?! Porque prescindem dEle?! Porque não tomam as Suas linhas mestras como princípios da acção a concretizar?! Grande critério, neste tempo de opção — se é que de todos depende a opção e não apenas de alguns... — é este: Cristo cabe no programa a realizar?, ou é intruso a liquidar, a varrer da memória de quem persista em lembrá-lo?

Se o Filho do Homem, o Deus-conosco que Ele é, tem lugar (o seu insubstituível lugar) na construção da História — pelo menos, vamos bem acompanhados!

Se não!...

Padre Carlos

# Encontro por um Mundo Melhor

No dia 20 o sol acordou conosco. Aquela manhã radiosa de luz trouxe-nos muita alegria. O movimento foi grande. Formámos grupos, apresentámos os casos apontados por cada um, classificámos-os nos sectores social, científico e religioso e escolhemos um de cada sector que mais facilmente fosse dominado pelo grupo. Foi este o primeiro trabalho. Tão simples! Mal sabíamos quanto ia dar que falar. Voltaram a reunir-se os grupos. Agora o trabalho já apresentava maior complexidade: Analisar cada facto tanto no aspecto positivo quanto no negativo, descobrir e discutir esperanças, valores, contra-valores e contestações manifestadas em cada um. Quanto descobrimos! A revolução constante, a transformação profunda, a renovação em busca de um mundo novo e melhor evidenciavam-se em cada ponto focado e em cada um de nós. Como soubemos analisar! Factos sociais (25 de Abril, Dia Mundial da Criança, Luta da Classe Operária e dos Povos Oprimidos, crise do petróleo...), factos científicos (ida à Lua, transplantações de coração...) e factos religiosos (guerra entre Católicos e Protestantes, Dia Mundial da Paz, Concílio de Jovens em Taizé, Problema da Rádio Renascença...) mostraram-nos o quanto influem na personalização, na socialização, na hominização e mesmo na transcendente «busca do Absoluto». Quantos valores a serem aproveitados e aumentados mas também tantos contra-valores a serem diminuídos e destruídos. Grande era a vontade de ser mais, de amar e ser amado mais, de ter e buscar mais, de vencer o egoísmo, o orgulho, a ambição... em suma, de tornar o Mundo Melhor.

O dia 21, também de sol, foi mais de meditação e dado à parte da formação espiritual. Havia a pensar sobre a mensagem que Cristo trouxe aos homens. Pudemos entender melhor como a fraternidade é algo de muito precioso. Que frases cheias se iam escrevendo nos quadros: «A Sociedade realiza-se vivendo em paz e fraternidade» e «em justiça imparcial», vivendo todos como «Irmãos sem distinção de raças, cor, cultura, credos e desenvolvimentos» e em «compreensão, amor mútuo e unidade singular» e mais porque «Deus ama sem distinções» e «criou a Natureza para o serviço do Homem» e assim há o «pão a partilhar por todos». Viemos os aspectos de promoção humana, a dignidade de homem e mulher, o

direito ao respeito, à liberdade e à Justiça. E mais!...

Em cada dia, à noite, fazíamos um convívio em que manifestávamos toda a nossa alegria. Ouvíamos o Zé Manel, ex-«Santana», a contar anedotas onde o personagem principal era quase sempre «o sacristão duma certa igreja...», cantavam os de Setúbal sempre mais a par das canções em voga, todos fomos participando. O «Pretito» de Coimbra acompanhava à viola e o Victor nunca largava o caderno das músicas. Na noite de 21 tivemos um grupo de crentes na fé Bahá'i que animaram ainda mais o serão e nos deram oportunidade de ouvir o antiquíssimo instrumento musical dado pelo nome de saltério que um deles tocava com grande

mestria. Eram já 3 horas do dia 22 e ainda alguns discutiam as diferenças de religião e expunham e criticavam ideais.

O dia 22 foi o menos trabalhoso mas talvez o de maiores discussões e críticas. Começamos por estudar o ciclo evolutivo do homem em relação ao amor e fomos depois para o caso prático das nossas Casas. Nós perante todos os outros, mais pequenos e maiores. Disse-se muita coisa mais. O almoço cortou e deu por findo este nosso curso que vivemos intensamente durante os três dias.

A despedida foi demorada mas por fim abalámos. Trazemos este encontro na alma. Depende de nós que haja, agora, coerência entre o que se pensa e o que se faz.

Lita

## Novos Assinantes de «O Gaiato»

Continuação da SEGUNDA pág.

Lá em casa é costume comprar-se o jornal avulso, mas como por vezes isso não é possível acho preferível assegurar a sua vinda fazendo uma assinatura. Como meu irmão mais velho faz agora anos achei formidável dar-lhe este presente, até porque ele gosta imenso de todos os livros respeitantes a *Pal Américo* e à sua obra, nomeadamente o jornal «O Gaiato».

É uma voz dos Jovens.

Vale de Mouro:

«Gostaria de receber «O Gaiato». Como sou uma das responsáveis da Conferência de S. Vicente de Paulo, gostava de ler nas reuniões o vosso jornal. Como a nossa Conferência é

nova, pois só tem um ano de actividade, ainda estamos a aprender. Gostaria de enviar mais dinheiro, mas aqui também temos bastantes carências de tudo e poucas pessoas se apercebem dos nossos Irmãos que sofrem.»

Olhalvo:

«Já recebi em tempos «O Gaiato», que tanto bem me fez e por todos os motivos muito apreciava. Lia-o como ao Evangelho, sempre com a maior devoção. Presentemente, por não amiga, vou lendo muitos, os quais continuam a dar-me a mesma alegria de coração. Acabei de ler mais um, o de Janeiro. E dou graças a Deus porque me veio a ideia de inscrever, como assinantes, os meus netos — que tanto gostam de ler e numa altura em que as suas almas tanto precisam de ajuda...»

### ● DE NORTE A SUL

Recebemos mais assinantes de Santo Amaro de Oeiras, Ermesinde, Algés, Cabeçais, Leiria, Arganil, Amadora, Areosa, Costa do Valado, Castelo Branco, Coimbra, Almada, Cascais, Setúbal, Fânzeres, Espinho, Évora, Gondomar, Agualva (Cacém), Aguada de Baixo, Vinhais, Vila do Paço, Belas, Montemor-o-Novo, Caldas da Rainha, Palmela, Vila Nogueira de Azeitão, Porto e Lisboa a procissão do costume.

### ● COMUNIDADE LUSÍADA E ESTRANGEIRO

Novos Leitores de Malanje, Luanda, Lourenço Marques e Funchal; Paris e África do Sul: Joanesburgo e Boksburg.

Júlio Mendes

## QUINTA-FEIRA SANTA

Há muitos anos já que os Pobres participam na celebração de Quinta-Feira Santa em nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Compareceram nove, que ainda se podem mexer. Alguns com dificuldade.

É sempre uma hora alta quando nos juntamos fraternalmente, à mesa da Capela ou do Refeitório.

Estava um que fora especializado em armações de betão, mas o vício do álcool incapacitou-o. Sofre ele e os seus.

Estava um mineiro, vítima da silicose e de omissões nos domínios da segurança do trabalho e do Seguro Social.

Estavam outros que mourejaram, de sol a sol, durante a vida inteira, a terra que nos dá o pão e não fora a partilha de homens de boa vontade, teriam vida sub-humana...

Estavam três débeis mentais. Um já nada faz. Outro, faz o

que pode. Ainda outro, quando pode...

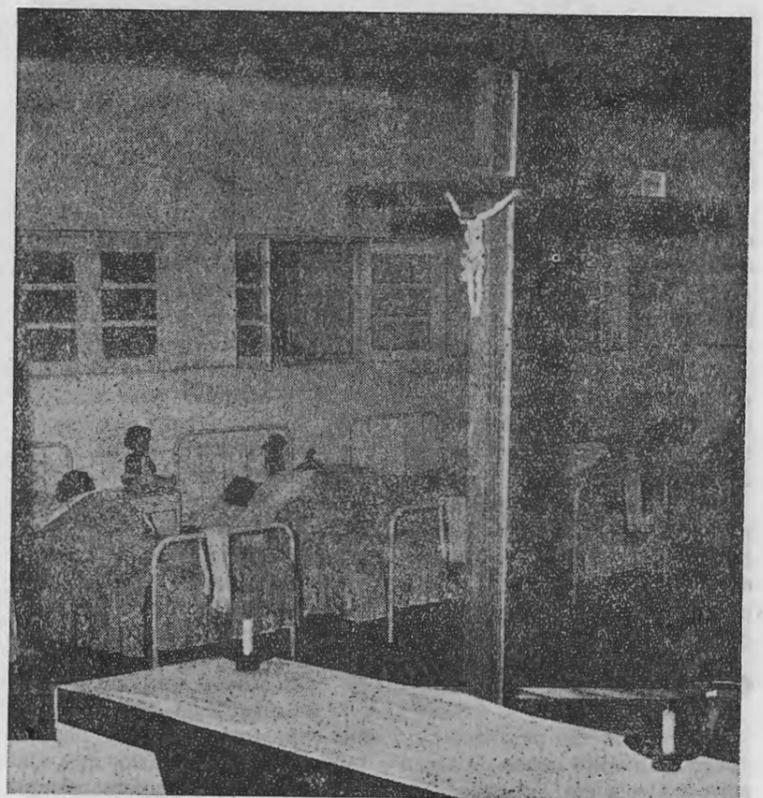
Em tempos, verificámos que o trabalho deste era explorado despidoradamente. Abordámos o homem. Pusemos os pontos nos ii, de maneira que nos entendesse.

— Você tem razão, mas dão-me o caldo...

Há injustiças que, apesar de não subirem aos sindicatos nem aos parlamentos, bradam aos céus. Muito mais quando os exploradores se dizem cristãos, vestem opas, cumprem os preceitos básicos...

Neste dia que, por natureza, é a festa do Amor, consubstanciado na Eucaristia, reflectimos, uma vez mais, que o anúncio da Palavra não pode ser acomodaticio, mas objectivo, penetrante, incómodo... Cristo e os primeiros Apóstolos abalaram estruturas milenárias sem armas na mão!

Júlio Mendes



CALVARIO — O nosso labor é amar o Rapaz abandonado e o Doente incurável que nos vão chamando; e a confiança para tal assenta em Deus.

A Editorial Inova, do Porto, acaba de lançar um volume dedicado a Pai Américo, o 25.º da sua colecção OFÍCIO DE VIVER, a qual inclui obras de Bertrand Russel, Christian Bernadac, Che Guevara, Urbano Tavares Rodrigues e outros.

É uma antologia de 608 páginas e algumas velhas ilustrações que o tempo não corroi — expressão viva da Obra da Rua, cuja razão de ser é a Criança abandonada, os Pobres.

O volume está dividido em cinco partes:

1. Uma visão de um Homem;
2. Horizonte ideológico;
3. A cúpula do seu pensamento: a Pedagogia;
4. Outras contribuições para o seu retrato;
5. Mais de perto.

À laia de introito, a obra insere um artigo de António Ramos de Almeida, publicado no *Jornal de Notícias* em 19/7/56, do qual extrairmos significativas afirmações, do articulista que aprecia algumas das múltiplas facetas de Pai Américo:

«(...) O Padre Américo apenas diagnosticou e pretendeu curar o cancro das sociedades modernas, o que todos nós sabemos que existe, mais ainda, o que todos desejaríamos também extirpar: «a miséria».

A diferença essencial entre nós e ele é, no entanto, flagrante e concludente. Para nós tanto representa um problema que para cada qual terá uma solução conforme as suas ideias políticas, as suas convicções religiosas, os seus hábitos sociais, até o seu temperamento pessoal. Padre Américo não. Combater a miséria não foi um problema, mas a única razão da sua vida, a sua missão e até a sua profissão, se quiserem. Daí seguir sempre

## «PADRE AMÉRICO»

Páginas escolhidas e documentário fotográfico»

pelo caminho mais curto, sem equacionar incógnitas, sem se quer fazer contas, como ele próprio dizia. Combater a miséria, era para ele uma mística, uma obsessão, um drama de consciência em acção, la de encontro à miséria para a conhecer, para a experimentar fisicamente, como um cientista no seu laboratório perante os fenómenos que nele se constata ou provocam, apenas com a diferença essencial de ser um apóstolo, isto é, sem ver a realidade em termos dialécticos, sem procurar soluções exactas, com mais precisão: científicas.

Por ser assim muitos, julgam a sua acção inútil ou supérflua, somente porque continuaram a existir rapazes abandonados e famílias pobres sem lar e sem pão... Padre Américo também o sabia, mas não julgava nem inútil nem supérflua a sua acção, antes pelo contrário, por tanto saber a julgar cada vez mais essencial, mais imperativa, mais imediata, até porque nunca pôs a si próprio acabar com a miséria, preconizando meios científicos, económicos ou políticos. A missão a que se propôs foi combater a miséria onde quer que ela se encontrasse e fosse qual fosse o «travesti» que vestisse. Eis o que constitui todo o seu apostolado...

A sua Obra vista pelo sociólogo mais esclarecido, mais progressivo, mais consequente vale como uma denúncia, como libelo, o que de resto encontramos nos seus escritos... Mas o Povo, o mais humilde e necessitado, não

é o sociólogo, é a vítima. O que ele sentiu bem próximo de si foi a presença do apóstolo, o que ele chorou foi a perda do único homem que dele se aproximou para o salvar sem nada lhe exigir em troca.

Não houve em verdade ninguém que ousasse restringir a figura do Padre Américo; todos à volta da sua memória se uniram, sem se estabelecer diferenças de convicções ou de crenças. Do sacerdote que ele foi, podem dizer, os que não são católicos, o mesmo que Bernardino Machado escreveu certo dia acerca do Bispo-conde de Coimbra, D. Manuel Correia de Bastos Pina...

Nos nossos dias alguns desses sacerdotes transcenderam as fronteiras dos seus próprios países e impuseram os seus nomes ao mundo como exemplo não só da sua fé e da sua religião, mas de um ideal comum de humana fraternidade, pela qual a Humanidade inteira clama e necessita: Padre Pierre, em França; Padre Gnocchi, em Itália; Padre Américo, em Portugal...

Outra lição ainda emerge clara e evidente da morte brutal e inesperada do Padre Américo. É aquela que diz que para as grandes obras não são necessárias propagandas para as impor. O Povo acredita mais e melhor na verdade mais obscura do que na mentira mais reclamada. Hitler, quando dizia que uma mentira dita cem vezes valia mais do que uma verdade; enganou-se redondamente e acabou por ser vítima do cinismo ou hipocrisia da sua

sós» conservamos a «singularidade da nossa evolução». Nascermos para ser únicos. Singularidade é o nosso destino.

Não sei se é vantagem...!

● O lugar-comum, mais do que nunca, é rei.

Por tudo e por nada se incensa o Povo que, decerto, se não inebria com o perfume. O Povo autêntico é um volante de energia. Nem embala em vazio facilmente, nem pára num instante quando se pôs em movimento. O princípio da inércia diz-lhe respeito — o que nada tem a ver com a inércia = imobilismo, estorvo.

Ora porque ele está sujeito ao princípio mas não é inerte, me choca o nome de «massas populares» que ao Povo constantemente dão. Massa é amálgama informe, quer seja de farinha para fazer pão, quer seja de cal e cimento para encher paredes. Será que a condição do Povo é ser comido?, é ser o sustentáculo da construção de que deveria ser o utente? Que convém mantê-lo despersonalizado?

O Povo é um conjunto de pessoas unidas por determinados vínculos. Onde a pessoa é o elemento, a reunião jamais poderá ser massa. Ou entre o total e as parcelas deixou de vigorar o princípio da homogeneidade?!

Padre Carlos

máxima... A Obra do Padre Américo não precisou de propaganda, nem de teólogos que a explicassem, nem de demagogos que a reclamassem. Impôs-se por ela, como facto consumado, sem sofismas habilidosos, nem palavras de ordem ou «slogans». O Povo do Porto sentiu-a na própria carne, porque era real e verdadeira, e mesmo que viessem contraditá-la ou desmentir a o Povo não acreditaria.

Por outro lado, o Padre Américo nunca foi um ídolo, mas sempre um Homem, e foi assim, que o Povo o amou e chorou. De todas as suas virtudes pessoais, aquelas que o Povo elogiava..., eram a sua simplicidade sem exibicionismos, a sua mo-

## NOTA DA QUINZENA

Ele é um humilde jardineiro municipal. Não emigrou, por causa do comboio. Vai e vem todos os dias à terra onde nasceu — o seu dormitório. E de centenas de Proletários! De contrário o Porto teria mais habitantes, mais barracas — mais barredos... Teria, sim senhor.

Aqui, nesta zona — em quase todas as zonas rurais — salvo a precaríssima e arruinada Lavoura, tudo o mais é nada ou quase nada. E não se vislumbra volte-face, a curto prazo.

O comboio é o salva-vidas de muitas vidas. Muitas! A gente fica impressionado a ver a chegada e partida dos tranvias. E cada vez mais, se a Lavoura continuar a ser refúgio de frustrados, de incapacitados e de sebastianistas sem amparo; se o critério dos homens do Fomento continuar virado pró mar, pró grandes centros, os tais polos industriais que geram tremendos subdesenvolvimentos...

Voltemos ao funcionário. Evidentemente, ganha uma còdea. É o passe do comboio, é o comer, é o sustento da família, é o que por lá se vai... A vida dos Pobres!

Uma filha, já moça, adoce. «Dão-lhe uns ataques...» Beneficiário do ADSE, entra na burocracia dos Serviços de Saúde até ao fim, com os impasses e as voltas habituais.

Entretanto, foi esclarecido por muita gente... até os médicos chegarem à conclusão de que a moça é epilética. Resultado: o homem empenhou-se. Agora, para aliviar a carga, anda de porta em porta, nas horas vagas. Lágrimas aqui, tostões acolá. Espectáculos indesejáveis...

Júlio Mendes



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

## Notas do TEMPO

Cont. da PRIMEIRA página

auto-nomeadas ou pseudo-eleitas. Mas sabem?...! Seremos um Povo de administradores natos, uma raça escolhida de gestores?!

Não é o que a experiência ensina. De rapaz me lembro de ouvir testemunhos sobre a qualidade do nosso trabalhador em terras estranhas, da consideração em que é tido. Porque na nossa, um rendimento tão aquém?... Certamente porque a organização não é o nosso forte, cabeças dirigentes não fazem a nossa fatura!

Pois a julgar pelo que se vê, parece que encontrar competentes não é problema. A menos que a competência surja por mobilização e assente prática...!

● D. Burocracia é. Continua sendo tal qual.

Dois casos de pessoas:

Um pequenito nosso de cinco anos nasceu em Espanha, por acidente. Não foi registado. Há um ano que andamos aos papéis. Para já, continuamos...

Outro nasceu em Moçambique. Perdido e achado por lá, foi trazido pela tropa. Endossaram-no. É nosso há sete anos. Em registo feito à partida, de qualquer maneira, atribuíram-lhe uma data de nascimento. Hoje, ele tem, oficialmente, 16 anos. De certeza, terá, pelo menos, vinte. Qualquer pessoa vê que 16 é que não tem.

Corrigir um erro é mais difícil que errar. O que não temos feito! O que se gastou já! Falta na lei o artigo X para resolver este problema real que incarna dolorosamente no nosso Zé Manuel. Em consultas e consultas aos oficiais do ofício de registar pessoas temo-nos consumido. Aonde ir?...!

D. Burocracia continua tal qual. Mudar capote é fácil. E as mentalidades?...!

● Assistimos ontem a um programa na TV. Pobrezinho como geralmente... A lisonja mudou de destinatário, mas ela não mudou. O monocordismo permanece pecha. Não se pode com mais de uma ideia ao mesmo tempo. Do «orgulhosamente